

João Pedro Porto

A Brecha

Aos meus Avós.

Apocalypse
s.m De *apokalyptein*: desvendar, descobrir,
revelar, de APO — sobre,
e KALYPTEIN — cobrir, esconder

«Uma vez mais pela brecha, caros amigos.
Uma vez mais.»
WILLIAM SHAKESPEARE
Henrique V

«Fico que em todo o mundo de vós cante,
de sorte que Alexandre em vós se veja,
sem à dita de Aquiles ter inveja!»
LUÍS VAZ DE CAMÕES
Os Lusíadas

Tomo I
Hominis

Prólogo

Palavra do Homem



AQUI COMEÇAMOS. Entregues a terra que se pise até a tomarmos como fim. E se bem que agora a procuremos mar afora e pela tempestade, não fugimos a esta condição. E se este vaso *Arcadia* for o nosso esquife de exéquias, podem contar que, deitado ao fundo negro, nos devolverá a uma borda qualquer do mundo. E essa será, por conquista do corpo, nossa. Aí, seremos fruta desse chão, esperando os vermes e a decomposição para nos tornarmos outro esplendor de ramos aos céus e de folhagens todas frondosas, com graciosas proporções e vívidas cores. Mas, por ora, temos em linha de água uma promessa que, silenciosa e escura, ameaça todo aquele que não sonhe o suficiente para a encher de som e de luz. Digo a esta casa que é nossa como dela somos, que apenas tenho sangue e unha, carne e movimento para oferecer. Mas há-de esse movimento levar-nos a sítio onde esse sangue ferva e essa unha se enterre e essa carne apodreça e fertilize. E desse acto fértil e sanguíneo há-de fazer-se o novo Homem, e esse, messiânico como o próprio advir, nos salvará da banalidade e será semente para eras de vanguarda, até à próxima descida, altura em que até essa vanguarda servirá o mal. Isso vos juro, como se vós mesmos fosse, pois assim terá sido sempre. Mas esse novo Homem terá

de se fazer durar longe do ribeiro e da sede do conformismo e da desmemória. E terá de fazer do seu hino um *opus* já distante dos primeiros toques no marfim. E terá de viver sem deus e engano. E de ouvido atento à mensagem nas secreções dos órgãos que compõem o coração. E terá de falar a língua da metáfora e beijar todos os lábios com taramelas de fogo. Para que se façam esses novos Homens, teremos de recorrer aos métodos mais perdidos e essenciais. Começaremos pela exploração. Depois, a descoberta. Depois, claro, a conquista. E, depois da conquista, a morte. Mas antes disso, a clarividência. O que vos digo ser o apocalíptico acto de abrir os olhos e ver verdadeiramente antes de os cerrar por fim. E se formos ao fim orgulhosos demais para abraçar uma coisa tão negra e fétida quanto a morte, pois negá-la-emos como se a deserdássemos dos nossos ossos e História.

Capítulo I

Onde se conta do Homem que apareceu em Sagres

QUANDO DOIS MARES SE ENCONTRAM, suturam o mundo. Isso fazem com muita algaravia. Escumas e estúrdio fazem a moção das marés e tudo se torna num só. Assim o é na cunha-do-mundo. Dois promontórios inquinam os mares com a terra, como se tudo tomassem num amplexo ou como se quisessem acostar outra margem a sul contra o úbere de Tonel e do Beliche. Mais a loeste, o extremo do braço destro cai por uma falésia escarpada, incansavelmente batida pelo vento. Desse cabo dissera o próprio Artemidoro assemelhar-se a um navio. Três ilhéus completam-lhe a forma, com o bico do vaso e as cabeças-de-gato, onde se encontram bons ancoradouros. Ninguém ali pernoita por medo dos deuses, que escolhem o breu do sacro promontório como poiso, longe dos olhares menos incautos.

Esta noite caíra sem estrondo, mas de supetão. As cores das coisas agora menos distintas umas das outras. Tudo se encostava, sem distinção, à perdição sideral. Os moledros, com as suas pedras deitadas em grupos de três ou quatro, procuravam tocar o céu com as pedras menores por falangetas de dedos indicadores, alguns polegares. A quarto de milha do moledro

maior, feito de apenas uma barca de pedra, um espectro branco pendente na rocha estendia-se ao mar. No topo, um ciclope por besta carmínea com um facho que cegava de quando em quando. Mas não havia nada que cegar, salvo por alguns moleiros grandes e negros, que teimavam em subir a escarpa e descer ao chão, entretidos com a comoção dos mares. A noite rodava com o facho, e a fortaleza espectral e o farol pareciam querer saltar falésia abaixo e abandonar tudo à escuridão que, sem a sua presença, seria total.

A oriente dessa tormenta, o braço vesgo. Promontório longo, em ponta delgada ou pontão, o galho acaba também numa fortaleza, essa de linhas muito bem deitadas, rectas e seguras. Aí, por essa mesma noite, reinava o plácido vento do leste e o mais fino dos assobios soprava por entre as ameias.

O distúrbio que aqui se narrará tomou lugar nessa mesma noite bem caída, no braço vicentino a loeste, rente ao moledro maior. Aqui dir-se-á de tudo, mas francamente, sem a certeza absoluta de nada, pois assim se fazem as estórias.

Estava o moledro maior como lhe era destinado pela vida: petrificado, estóico contra tudo, torvelinho a turbilhão, quando no que seriam as suas águas mortas, fosse este a barca que a sua forma sugeria, levanta-se caulim sem gleba. Toda a terra sovada pela humidade quebra e estala e sunga como se fosse brecha de esquife no fundo. Um braço fura-a. Outro segue-lhe. E os dois alçam um corpo rijo e seco que, não fora todo formado, dir-se-ia de um recém-nascido, todo ele eivado, encarvoado até. Era um Homem. Ali virado ao farol e à luz vermelha que o enceguecia, agora bem segura da sua função de cegar.

Muitas conjecturas, todas verosímeis, se prendem a este aparecimento, mas isso pouco nos importará. Basta que nos fi-quemos pela verdade. Todo o resto será fabricação e acessório.

Deve saber-se que o dito Homem, por essa noite, ainda não era ninguém. Não se lhe sabia nome, nem donde viera, nem porque ali estava ao relento e à garoa da escuma. Cobria-lhe os ossos apenas um manto, que mais parecia pilhado a um sobre-céu rasgado-a-correr. Parecia o pobre Homem um morto. A isto qualquer versão atestará. O branco das carnes rivalizava apenas com a fortaleza espectral e com a lua que ia e vinha como o facho do farol, sem espelho, mas com as nuvens a pestanejar. O juízo ia-lhe falésia abaixo, não fora o marulho que lhe disse ali haver abismo e mar. Tombou terra adentro ainda sem se ver bem de pés e pernas e dançou até ao portão. As golfadas vinham nortenhas e, portanto, do lado da terra. Se o apanhassem de latinas, levá-lo-iam de vez ao mar. E esse seria decerto uma tumba bem algente, a ponto de partir osso.

A torre cilíndrica em cantaria erguia-se até ao alto do lenticular de Fresnel, com os seus titânicos painéis de doze pés de altura, flutuando no mercúrio. O candeeiro de cinco torcidas tinha já sido substituído pelo vapor do petróleo. Tudo era de muito bonitas entranhas e mecanismos de relojoaria. Mas ao Homem parecia um inferno. Não lhe arrancava sentido nenhum. Que lugar era aquele? Era assim que se morria? Encheu-se-lhe a fantasia de tudo o que lera nos livros que tivera, e nas estórias que ouvira quando era criança. Nada se acertava àquilo. E, embora não fosse de crenças que não as contadas pelos senhores confessados ficcionistas, perguntava-se sem pudor *Que inferno era aquele?*

Qualquer desejo de aventura morreria ali, não fosse o portão estar de greta. Mas o desejo e a velocidade são pedras lançadas de uma só físga, e espichou-se por uns degraus e caiu nuns zimbriros de bolotas muito redondas. Nem as plantas do Atlas lhe puderam amparar a queda, e foi-se-lhe por instantes o manto. A noite era álgida, fria como algo o pode ser

no escuro. Corriam-lhe as lágrimas pelo rosto, isto não é preciso omitir. A agravar os ramos do zimbro, os alhos-porros estavam cheios de filetes. *Arre*, disse dum só salto o Homem e seguiu à porta, fugindo das sabinas. Bateu e repetiu por muitas vezes, mas ali não havia alma que o salvasse. Muitos esforços fez para deitar as ripas abaixo, mas afinal eram pranchas e isso não ajudou à causa. Desesperado, tentou encontrar janela que furar. Todas cerradas como a própria noite.

Tudo lhe falhando, vê ao fundo do pátio uns arcos e, à esquerda, no fim do saguão, um canto protegido de ventos. Toda a noite tem fim e, assim, decide ali esperar a manhã.

O canto gelava, mas menos. O manto era todo ele uma mãe para o Homem. A isso se agarrava como à vida. Era cortante, mas menos. Ali far-se-ia repouso acalmado, mas sem sono — não se dorme no inferno. Via-se, se houvesse quem visse, que não lhe era hábito o bater dos rates ou a cama de chão bem duro. O corpo nunca se vestira de farrapos. Teria talvez tido muito contacto com sedas de tonalidade tão quente que aqueciam só de olhar. Mas, mesmo esse roupão majestático ali não serviria de muito, pois a mordedura do frio era feita com caninos muito lazarentos.

Eis que, por uma das horas mais entradas, sente o Homem vozes. Primeiro, indistintas. Depois, claras o suficiente para as crer lá dentro. Eram duas: uma de grossas seguranças e outra de dulces arabescos. Se aquele fosse o próprio Hades, seriam aqueles os deuses da barca? Seria aquele corredor onde pernoitava o passadiço para o aqueronte de Épiro? Repetia: Era assim que se morria? Mas as vozes ali não o sabiam e continuavam, incautas, o seu repertório. Por ser Homem e, portanto, mirone de longa linhagem, procurou por buraco de fechadura. À falta de um, encostou ouvido à xilema morta

da porta. O que ouviu fez-lhe amornar o bucho e tremer as pernas. Talvez tivesse sido o próprio tremular dos gambitos magrinhos a causa dos seus calores, mas no interior do edifício térreo diziam-se palavras de amor. Casquinadas e sorrizinhos, lampejos de prazer, ganidos, gemidos, uivos, e todo o vernáculo do amor. Sem algum vocábulo ou som que ficasse por usar. Assim se aqueceu o Homem por uns tempos, de ouvido à porta, até os actos esfriarem e passarem a um incómodo silêncio e, depois, ao crescendo palratório. O busílis veio por aí. É que os amantes confessavam-se adúlteros e de secretas intenções. Disto, nada era anormal para o encoberto. Mas eis que Cronos chama Cípria pelo nome e a deusa responde-lhe de carinhos. *Raios*, considera o Homem, ser-se testemunho das infidelidades dos deuses é sentença, mesmo para alguém que se creia morto. A preocupação esvazia-lhe dos bofes um suspiro e esse é ouvido por Cronos. Assim começa uma fuga que inaugurará a nossa narrativa: com ressuscitados, desmemoriados, amantes, intenções danosas, paixões, ódios e tudo o mais de que se quer feita uma estória ou uma vida.